

ARTIGO ORIGINAL

Em torno da mesa: um espaço para a transmissão da língua e da cultura de herança

Around the table as a place for the transmission of heritage language and culture

Gabrielle Cristina Baumann Salvatto¹, Fernanda Landucci Ortale²,

1 PPG/Universidade de São Paulo - gabisalvatto@gmail.com

2 Universidade de São Paulo - ortale@usp.br

Como citar o artigo

SALVATTO, G. C. B.; ORTALE, F. L. Em torno da mesa: um espaço para a transmissão da língua e da cultura de herança. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 22, n. 2, p. DT6, 2023

Resumo

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre o papel das interações em torno da mesa na preservação e transmissão intergeracional da Língua de Herança. Os dados foram gerados junto a membros do núcleo familiar Conci-Maggio, tendo em vista o contexto *sui generis* que o caracteriza, uma vez que, após 65 anos da chegada dos progenitores ao Brasil, o italiano ainda é a principal língua de comunicação cotidiana entre as quatro gerações. Na Introdução, são detalhados o contexto e a metodologia da pesquisa, bem como o conceito de Língua de Herança que orienta o trabalho. Em seguida, propõe-se uma discussão acerca de bilinguismo e de políticas familiares. Na terceira parte, com base na definição de Cozinha de Herança (AZEVEDO; ORTALE, 2019), apresenta-se uma análise de interações rotineiras relacionadas aos atos de cultivar ingredientes, preparar pratos e se reunir à mesa. E, finalmente, retomam-se as principais ideias do texto e, também, as potencialidades das ações cotidianas no que diz respeito às políticas de preservação da Língua de Herança.

Palavras-chave: Língua de Herança. Políticas linguísticas familiares. Bilinguismo. Cozinha de Herança.

Abstract

This article aims to propose a reflection on the role of interactions around the table in the preservation and intergenerational transmission of the Heritage Language. The data were generated with members of the Conci-Maggio family nucleus, considering the *sui generis* context that characterizes it, since, after 65 years of the parents' arrival in Brazil, Italian is still the language of daily communication between the four generations. In the Introduction, the context and methodology of the research are detailed, as well as the concept of Heritage Language that guides the work. Then, a discussion about bilingualism and family policies is proposed. In the third part, based on the definition of Heritage Cuisine (AZEVEDO; ORTALE, 2019), a preliminary analysis of routine interactions related to the acts of growing ingredients, preparing dishes and gathering at the table is presented. And, finally, the main ideas of the text are resumed, as well as the potential of everyday actions with regard to policies for preserving the Heritage Language.

Keywords: Heritage Language. Family language policies. Bilingualism. Heritage Cuisine.

Fonte de financiamento: Capes.

Conflito de interesse: Não há.

Recebido em: 01 Fev. 2023. Revisões requeridas em: 24 Out. 2023. Aceito em: 03 Nov. 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial No Derivative, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.

1 INTRODUÇÃO

"A cozinha não é apenas receita, mas é experiência. Eu lembro que ia pegar escargots com o meu pai. A cozinha traz imagens, memórias e está associada a uma história."

Pauline Charlotte Le Talludec, 23 anos

A epígrafe do texto, enunciada por uma filha de mãe francesa e pai brasileiro, revela o papel da Cozinha de Herança (doravante CH) na construção das relações pessoais, da(s) identidade(s) e da memória.

Neste artigo, apresentaremos dados da pesquisa "*Dai nonni ai nipoti*: práticas familiares em língua de herança" (ORTALE; SALVATTO, 2022), cujo objetivo é compreender o processo de transmissão do italiano como língua de herança no núcleo familiar Conci-Maggio. Serão analisados registros em vídeo de interações familiares relacionadas ao espaço da cozinha, tais como: plantar e colher ingredientes, preparar um prato, ensinar uma receita, fazer refeições à mesa, cumprir rituais, como brindar e celebrar datas festivas e preparar e servir às crianças pratos típicos da herança familiar.

Segundo Calvi (2007, p. 217, tradução nossa), um dos principais "fragmentos" da cultura que os migrantes trazem consigo é a comida. Isso ocorre no âmbito material (como em lojas e restaurantes fundados por imigrantes ao redor do mundo), mas também no âmbito simbólico, visto que "por meio da comida se estabelece uma relação com o passado e se consolidam práticas culturais com as quais cada comunidade se identifica facilmente."¹

A importância dos hábitos alimentares na construção da identidade cultural está em consonância com a reflexão de Azevedo e Ortale (2019), que propõem um conceito de CH e a reconhecem como portadora de valores sociais, de memórias e de costumes, e como sinalizadora da origem e dos laços afetivos.

Consideramos que o estudo sobre núcleos familiares constitui um caminho para a compreensão dos laços entre questões identitárias e linguísticas (ORTALE; MAGGIO; BACCIN, 2015, p. 225) e, em contextos de migração, a cozinha contribui, indubitavelmente, para que se estabeleça um elo entre passado e presente, por meio das memórias afetivas dos familiares. É, também, "através da comida e das receitas familiares que imigrantes em toda parte do mundo matam um pouco das saudades de casa e reafirmam sua identidade". (ORTALE; CUNHA; FORNASIER, 2022, p. 225)

Os instrumentos para a geração dos dados que apresentamos neste artigo foram gravações de interações cotidianas e entrevistas com todos os membros das quatro gerações da família Conci-Maggio, vinda da Itália no fim dos anos 1950. Para a elaboração e a realização das entrevistas, utilizamos os pressupostos da metodologia da História Oral (MEIHY, 2005), seguindo um questionário semiestruturado, posto que novas questões poderiam surgir no decorrer das entrevistas, partindo da escuta.

Embora os estudos sobre processos migratórios e sobre a presença de imigrantes e seus descendentes no Brasil sejam inúmeros (LEOPOLDINO, 2009; 2014; GARCIA, 2017; FORNASIER, 2018; 2023, dentre outros), ainda são poucos os que versem a respeito da língua de imigrantes como herança, pois, muitas vezes, essas línguas são consideradas – e ensinadas – como estrangeiras. Porém, consideramos que as línguas de herança, levando-se em conta suas características, merecem políticas específicas de ensino, manutenção e revitalização.

A aceção de Língua de Herança (doravante LH) adotada neste trabalho tem como critério principal a autopercepção identitária do sujeito com a língua:

Língua de Herança é um patrimônio identitário coletivo, um espaço dinâmico de confluências linguísticas e culturais em que se articulam passado e presente. É uma língua minoritária, falada – ou apenas compreendida – por pessoas que constroem vínculo afetivo e sentimento de pertencimento em relação a determinado(s) grupo(s) e/ou

¹ "[...] attraverso la gastronomia si stabilisce un rapporto con il passato e si consolidano pratiche culturali in cui ogni collettività può facilmente riconoscersi." (CALVI, 2007, p. 217).

comunidade(s), seja por laços ancestrais, seja por convívio com falantes dessa língua. (ORTALE; SALVATTO, 2022, p. 165).

Martino Maggio, oriundo de Marsala (Sicília), no sul da Itália, e sua esposa Giulietta Conci, de Caldonazzo (província de Trento), no norte do país, deslocaram-se para o Brasil no final da década de 1950. Devido ao trabalho de Martino no campo, o casal se instalou em Itu, no interior de São Paulo, e continuou a utilizar a língua italiana nas interações entre si e com seus filhos e netos.

Atualmente, a família Conci-Maggio é composta por quatro gerações², representadas na imagem a seguir (Figura 1):

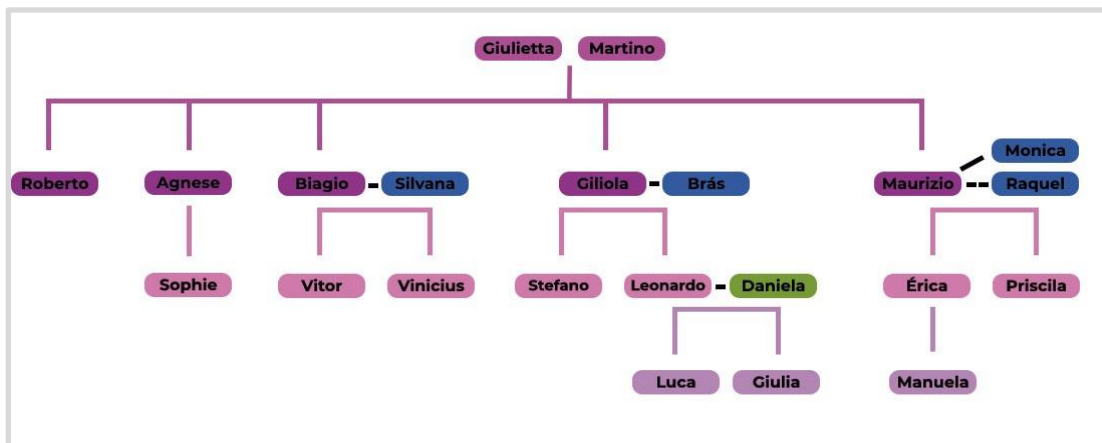


Figura 1. Árvore genealógica Conci-Maggio.
Fonte: autoria própria das autoras.

Dos relatos das entrevistas com Martino, filhos e netos, depreende-se que mesmo após quase 65 anos da chegada do casal, em suas interações com os filhos e netos, Martino continua a dirigir-se a eles apenas em italiano. O mesmo pode-se dizer de Giulietta, até o ano de 2018, quando faleceu. A terceira e quarta gerações dos Conci-Maggio, por sua vez, demonstram entender perfeitamente tudo que é dito, embora parte de seus membros responda em português com algumas palavras em italiano.

Os dados analisados até o momento permitem afirmar que várias ações políticas foram empreendidas por diversos membros da família – conscientemente ou não – em prol da preservação e transmissão intergeracional da LH.

Considerando-se a época e o contexto rural em que a família Conci-Maggio estava inserida durante os primeiros anos no Brasil, podemos afirmar que enquanto Martino saía para trabalhar, Giulietta estava em casa com os filhos desempenhando um importante papel na transmissão e manutenção da LH. Papel esse que foi citado por Martino em uma das entrevistas: “Giulietta se encarregava de dar aulas de italiano enquanto as crianças cresciam”³.

De acordo com os filhos e netos do casal, soubemos também que Giulietta colocava todos à mesa, lia histórias, usava livros didáticos vindos da Itália, fazia ditado de palavras e, também, de cartas para serem enviadas aos parentes italianos. E assim, segundo Martino, “Todos eles aprenderam italiano e os netos também falam bem, não perfeito, mas bem o bastante e o estimam”⁴.

Martino conta que sempre acreditou que a família deveria manter o italiano no Brasil, afinal, essa foi a língua com a qual ele e Giulietta se comunicaram desde o início. Embora

² O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos participantes nos deu autorização para a divulgação de seus dados pessoais.

³ “La Giulietta si incaricava di dare lezioni di italiano man mano che loro [i figli] crescevano.”

⁴ “Tutti loro l’hanno imparato e anche i nipoti parlano bene l’italiano, non perfetto, ma abbastanza bene e lo stimano.”

ambos falassem os respectivos dialetos de suas regiões de origem – Sicília e Trentino-Alto Ádige –, a língua da comunicação entre o casal sempre foi o italiano.

Notamos que, de uma vontade genuína de preservação da LH, por parte de Martino e Giulietta, surgiram micropolíticas familiares. Quando Martino diz que todos os filhos e netos aprenderam a língua e “a estimam”, ressalta-se a importância da conscientização e do reconhecimento da cultura de origem da família que leva os indivíduos, segundo Souza (2016), a se reaproximar e se apropriar dos elementos constitutivos de valores e formas de ver o mundo.

2 O SER BILÍNGUE E AS MICROPOLÍTICAS FAMILIARES

Crescer em duas ou mais línguas significa, também, “estabelecer vínculos de diversos tipos: com pessoas, com culturas, com jeitos de falar, com formas de expressão corporal que, ao longo do tempo, vão nos preenchendo, de forma que as vantagens se tornam um presente”. (BENEDINI, 2015, p. 48).

Grosjean (2008) propõe que se considere o bilíngue a partir de uma perspectiva holística e não idealizada, como um todo integrado, em que a coexistência de duas línguas resulta em um sistema linguístico completo, porém distinto. Desse modo, um bilíngue não é a soma de dois monolíngues e, normalmente, terá sotaque influenciado de uma língua em outra, e não saberá usar as línguas com a mesma proficiência em todos os domínios discursivos. Por exemplo, um bilíngue, a partir dos contextos de aquisição e uso das línguas em seu cotidiano, poderá saber rezar apenas em uma língua e escrever textos acadêmicos em outra.

Na esteira da caracterização do bilíngue, Grosjean (2008; 2016) propõe critérios para compreender como ocorre a escolha relativa a qual língua usar em cada domínio da vida. O estudo dessa distribuição linguística foi definido como “princípio da complementaridade” (GROSJEAN, 2008; 2016), com base nos seguintes fatores: o conhecimento linguístico do interlocutor, o local, o tópico, o propósito da interação e ainda, o sentimento de preferência de uma determinada língua para interagir com determinada identidade do interlocutor. Quanto a esse último item, é pertinente mencionar como exemplo a fala encontrada nas entrevistas com os irmãos Conci-Maggio, que compõem a primeira geração nascida no Brasil: “quando olho para o meu irmão, me vem automaticamente o italiano. Seria muito estranho falar com ele em português. Eu não conseguiria.”

Tannenbaum (2012), ao realizar um estudo sobre famílias imigrantes, analisou o comportamento linguístico e as estratégias utilizadas para manutenção da LH e, ainda, o papel da comunicação intergeracional nesse contexto. O estudioso afirma que as chamadas “Políticas Linguísticas Familiares” (WEI, 2012) constituem um mecanismo de enfrentamento, nem sempre consciente, mas que serve para proteger a si mesmo, bem como a sua autoestima, ajudando na adaptação a um conflito, perda ou trauma e, também, pode servir como meio na manutenção e promoção do bem-estar.

Em um estudo realizado por Gaudio, Oliveira e Santos (2022) sobre o sentimento de pertencimento das mães brasileiras a grupos de iniciativas de português como LH na Itália, as pesquisadoras destacam as situações em que as mães afirmam fazer uso de sua língua materna (LM) e estabelecer contato com a cultura de origem. Nota-se que os contextos de uso do português são, preponderantemente, aqueles ligados à noção de pertencimento e a aspectos afetivos:

Segundo o relato delas, as situações nas quais fazem uso da LM e têm contato com elementos da cultura do país de origem são: quando elas estão em contextos mais informais, com as amigas brasileiras ou em família elegendo a LM para se comunicar; no dia a dia quando cozinham pratos típicos da culinária brasileira; quando escutam músicas e rádio, veem programas de televisão ou assistem desenhos em LH (utilizando o *YouTube*); quando trocam mensagens com as amigas e familiares no Brasil através das redes sociais (como *Facebook* e *WhatsApp*); e quando têm contato com os afetos que moram no país de origem. (GAUDIO; OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p. 276).

Recentes pesquisas no âmbito do português como LH apontam o papel das famílias – e mais especificamente das mães – como central na transmissão e manutenção de suas LH. Lico e Pires (2022) destacam que a conexão e a construção de vínculo das crianças e adolescentes com a LH estão intimamente ligadas ao relacionamento com os pais.

De acordo com o estudo realizado pelas pesquisadoras com adolescentes descendentes de lusófonos residentes em Washington, nos Estados Unidos, e na região da Galiza, na Espanha, se os pais persistem em partilhar os caminhos de suas raízes afetivas e culturais, a aquisição e o laço que os filhos estabelecem com a LH continuam a avançar mesmo quando eles crescem.

Souza (2016, p. 35), por meio da metáfora expressa por uma das mães brasileiras na Inglaterra que fizeram parte de um estudo, utiliza a expressão “árvore replantada” relacionada à ideia de hibridismo: a figura da mãe que representa uma interação entre o *lá* e o *aquí*. Uma das participantes do estudo afirma que buscou formas de se envolver com a comunidade brasileira em Londres e de promover o uso do português em casa para se sentir conectada ao filho pequeno, que havia passado a utilizar o inglês em mais contextos no dia a dia (SOUZA, 2016, p. 68).

Ortale (2016) e Corrias (2019), em consonância com demais estudiosos (LYNCH, 2014; ARAVOSSITAS, 2014; CARREIRA, 2004), ressaltam a importância das iniciativas da comunidade na preservação e manutenção da LH. Ortale (2016, p. 34) afirma que “a comunidade deve ser agente ativo no planejamento das ações que dizem respeito à forma como suas identidades e heranças culturais poderão ser preservadas/revitalizadas”.

Com base nesse arcabouço teórico, a breve análise das microcenas relacionadas ao espaço da cozinha, apresentadas a seguir, busca compreender como as interações em italiano entre membros do núcleo familiar Conci-Maggio impactam positivamente na transmissão intergeracional de heranças linguísticas e culturais.

3 LÍNGUA E COZINHA DE HERANÇA: ENCONTROS INTERGERACIONAIS AO REDOR DA MESA

Iniciamos esta seção com um exemplo que consideramos representativo de como a cozinha, mais especificamente a de herança, constitui um dos elementos fundamentais na bagagem cultural dos migrantes (CALVI, 2017).

Fundada em 2019 por dois jovens napolitanos, a empresa “Mamma Pack”⁵ nasceu da vontade de italianos no exterior de receber, preparar e consumir alimentos de seu país. Surgiu assim a proposta de envio no formato do popular *pacco da giù* (“Pacote que vem do Sul”, em tradução livre), expressão nascida no sul da Itália para indicar um pacote cheio de comida, geralmente proveniente da zona de origem, enviado por familiares ou amigos à pessoas que estão longe de casa – em sua maioria, estudantes ou trabalhadores, chamados de *fuori sede*⁶.

No site “Mamma Pack” a descrição⁷ apresentada é a seguinte:

Assim como você, estamos entre os milhares de italianos que deixaram a Itália por motivos de estudo, trabalho ou família. Como você, a cada partida da Itália, transformávamos a mala em um baú, cujo tesouro eram produtos que orgulhosamente tínhamos à disposição na dispensa: para nos sentirmos mais em casa, *para nos mantermos*

⁵ Disponível em: <https://www.ilssole24ore.com/art/mammack-consegna-alimenti-italiani-che-vivono-all-estero-ACqFuE>. Acesso em: 21 jan. 2023.

⁶ Disponível em: <https://blog.spedire.com/come-spedire-il-pacco-da-gi%C3%B9>. Acesso em: 21 jan. 2023.

⁷ “Come te, siamo fra le centinaia di migliaia di Italiani che hanno lasciato l'Italia per ragioni di studio, lavoro o famiglia. Come te, a ogni partenza dall'Italia trasformavamo la valigia in uno scrigno, il cui tesoro erano prodotti che con orgoglio disponevamo in prima linea nella dispensa: per sentirci più a casa, per essere consapevoli di non aver perso gusti, colori, abitudini e valori della quotidianità italiana.” (<https://www.ilssole24ore.com/art/mammack-consegna-alimenti-italiani-che-vivono-all-estero-ACqFuE>). Acesso em: 21 jan. 2023).

conscientes de não termos perdido gostos, cores, hábitos e valores do cotidiano italiano.
(tradução nossa, grifo nosso).

A ideia do valor sentimental da cozinha do país pode ser relacionada ao conceito de CH, cunhado por Azevedo e Ortale em 2019:

Cozinha de Herança é aquela que desperta, em quem a prepara ou consome, memórias de um passado caro que se deseja preservar. Está relacionada a receitas e histórias carregadas de afetividade; é transmitida e compartilhada entre gerações de uma mesma família ou no contato entre membros pertencentes a uma ou mais comunidades. (AZEVEDO; ORTALE, 2019, p. 98).

O *pacco da giù* é apenas uma amostra atual de como, através da comida, a herança pode ser transmitida e mantida. A título de exemplo, citamos ainda o grupo humorista italiano “Casa Surace”, que popularizou o termo *pacco da giù* nas redes sociais. Dentre os materiais produzidos por eles, há um vídeo⁸ ensinando a prepará-lo como forma cômica de “sobreviver à vida fora de casa”. O vídeo conta com cerca de 400 comentários de usuários que, em sua maioria, demonstram se identificar com o conteúdo.

De acordo com Calvi (2017, p. 215, tradução nossa), não por acaso “[...] as palavras ligadas à comida estão entre as mais frequentes na paisagem linguística, sendo, muitas vezes, consideradas como verdadeiros ícones culturais”⁹. A identificação cultural que está relacionada à culinária passa, inevitavelmente, pela palavra, pois é através dela que são transmitidas as práticas: seja por meio da escolha de um alimento, de sua preparação e, até mesmo, do consumo. Cria-se, assim, um sentimento de pertencimento e de identidades como símbolo de “resistência à aculturação absoluta”, algo que não se dilui com o contato multicultural (HECK; BELLUZZO, 1998).

Os registros em vídeo de interações que compõem os dados foram realizados entre os anos de 2021 e 2022 pelos próprios membros da família, em contextos espontâneos de contato intergeracional. A seguir, apresentamos a transcrição de excertos de gravações que ilustram ações, realizadas em LH, vinculadas ao preparo e ao consumo de pratos.

3.1 A horta como espaço afetivo

Martino e sua neta mais nova, Sophie (com 2 anos à época da gravação), estão na horta que o avô cultiva no quintal de sua casa. Martino se abaixa e a chama:

M: Vieni qui, amore! Qua! La cipolla bisogna raccogliere. Questa! Guarda qui, amore, questa! Prendi! [Faz gestos para indicar à neta como colher a cebola.]

M: Venha aqui, querida! Aqui! Precisa colher a cebola. É essa aqui! Olha aqui, querida, essa! Pega! [Faz gestos para indicar à neta como colher a cebola.]

Sophie permanece em silêncio, mas compreende o que o avô lhe pede, inclusive repetindo os gestos para colher a cebola. A neta sorri, enquanto Martino e a mãe de Sophie celebram em conjunto:

M: Brava, Sophie! Hai preso la cipolla!

M: Muito bem, Sophie! Você pegou a cebola!

Martino, conforme mencionado nas entrevistas, desde que morava na Itália atuava no cultivo da terra e, ao chegar ao Brasil, continuou a desempenhar esse trabalho. Ele procura transmitir essa herança aos familiares. Em uma das entrevistas, de fato, seu neto Stefano (30

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Etlb-7L4IFs&ab_channel=CasaSurace. Acesso em: 21 jan. 2023.

⁹ “[...] le parole del cibo sono tra le più presenti nel paesaggio linguistico, in cui assurgono spesso a vere e proprie icone culturali.” (CALVI, 2017, p. 215).

anos) conta que trabalha com jardinagem e, em um segundo momento da conversa, sua prima Priscila (da mesma faixa etária), o chama carinhosamente de “Martininho”, por considerar que ele compartilha muitas características com o avô. Stefano, por viver junto à mãe, Giliola (professora universitária, 58 anos) e a Martino, é o neto que mantém diariamente o contato com a LH e, também, com a CH.

3.2 O ritual da “spaghetata”

Em outro encontro promovido com os familiares, eles nos contam que Vinicius (de 8 anos, também neto de Martino e Giulietta) sonha com a “spaghetata” e diz sempre a Stefano que ele é “sortudo, por morar com o avô e poder comer macarrão todos os dias”. Stefano, de fato, contou às pesquisadoras que aprendeu a cozinhar massa de diferentes maneiras com Martino – todas “simples e muito boas”:

S: Io sto nel paradiso qua!

F: Ma spaghetti al sugo? Come si mangiano in genere gli spaghetti?

M: Con le melanzane o con i carciofi...

S: Aglio e mollica anche... Qua è il gusto!

M: Sono piatti semplici, molto caserecci e piatti economici. [...] Melanzana siciliana! Non la melanzana rosa, qua, comune, non funziona!

S: Aqui eu estou no paraíso!

F: Mas espaguete com molho de tomate? Como vocês comem geralmente?

M: Com berinjela ou com alcachofra...

S: Alho e miolo de pão também... Aqui é que está o sabor!

M: São pratos simples, muito caseiros e econômicos! [...] A berinjela siciliana! Não essa rosa que tem aqui, comum. Com essa não dá certo!

Percebe-se aqui o papel do avô na transmissão do prato de herança ao neto Stefano, que pega o turno e ajuda a detalhar os ingredientes da receita.

3.3 O preparo da massa da pizza

No exemplo a seguir, Martino ensina mais um membro da família a preparar a massa. Desta vez, a protagonista é a pizza. Sophie, membro mais jovem da família, aos 3 anos está aprendendo a fazer a massa da pizza com o avô. Ela fica em pé em uma cadeira e, sobre a pia, há uma tigela com a massa, que Martino a ensina a sovar. Agnese (filha de Martino e Giulietta, 42 anos, mãe de Sophie) está filmando e participa da interação:

A: Vai, Sophie! Aiuta il nonno!

[...]

M: Forza, amore! Così, chiudi! A pugni!

A: Cosa voi state facendo?

M: La pasta per la pizza!

A: Vai, Sophie! Ajuda o vovô!

[...]

A: Vai, Sophie! Ajuda o vovô!

[...]

M: Assim, fecha! Socando!

A: O que vocês estão fazendo?

M: A massa da pizza!

3.4 A tradicional torta de pera

Em algumas regiões da Itália é comum, ainda hoje, comemorar o *onomástico*, uma celebração no dia do santo católico cujo nome coincide com o de uma pessoa. Essa tradição foi mantida pelos Conci-Maggio, como vemos no exemplo a seguir. Agnese e Sophie estão preparando um bolo para comemorar o dia de *San Martino*:

A: *Sophie, cosa te stai facendo? Dici che noi stiamo preparando la torta del...*

S: *Nonno!*

A: *E di cosa che è? Qual è il sapore? Che frutta che va nella torta del nonno? Le pe...*

S: *Le pere.*

A: *Le pere stanno qui tagliate, con limone, con cognac... È la torta di pere per il giorno di San Martino, che è l'undici novembre. E come il nonno l'ha mangiata in Italia perché l'hanno festeggiata così, allora noi abbiamo mantenuto la tradizione e gli facciamo la torta di pere. Te mi stai aiutando?*

S: *Sì!*

A: Sophie, o que você está fazendo? Fala que nós estamos preparando o bolo do...

S: Vovô!

A: E de que é? Qual o sabor? Que fruta vai no bolo do vovô? As pê...

S: As peras

A: É bolo de pera para o dia de São Martinho, que é 11 de novembro. E como o vovô comia ela na Itália porque festejavam assim, então nós mantivemos a tradição e vamos fazer um bolo para ele. Você está me ajudando?

S: Sim!

Nota-se que Sophie interage com a mãe, repetindo palavras em italiano enquanto acrescenta os ingredientes ao preparar a massa da torta.

Agnese, de acordo com os dados gerados pela pesquisa, demonstra um esforço diário na transmissão da LH e, no trecho analisado, ela busca reforçar o ato de celebrar as memórias afetivas do pai e, por sua vez, criar novas memórias com a filha na LH. Em uma das entrevistas, ao ser questionada sobre as razões que a faziam se comunicar sempre em italiano, ela disse que essa língua vem como primeira opção para ela, pois “é espontâneo e natural, o que vem do coração”.

3.5 A receita da caponata de Martino

Ainda no âmbito de celebrações realizadas com pratos de herança, apresentamos o registro de Martino ensinando a receita siciliana que ele estava preparando para a mesa do Natal em família no ano de 2022. Sua filha, Giliola, está filmando:

G: *Papà, cosa stai facendo?*

M: *Stavo preparando la caponata.*

G: *E come la fai?*

M: *La caponata siciliana è: melanzane, sedano, aglio, cipolla, capperi, salsa di pomodoro per amalgamare, peperoncino leggermente piccante, aceto e olio. È un antipasto molto interessante. E viene tagliato a cubi, abbastanza rustici, non c'è bisogno di fare cose molto fine. E poi si cuociono le melanzane separate. Tutti gli ingredienti sono separati perché hanno punti di cottura differenti.[...] Solo mezza cottura, perché poi si completa con l'amalgama del sugo. E poi sta buono per essere apprezzato.*

G: Papai, o que está fazendo?

M: Eu estava preparando a caponata.

G: E como você faz?

M: A caponata siciliana é: berinjela, aipo, alho, cebola, alcaparra, molho de tomate para uniformizar tudo, pimenta levemente picante, vinagre e óleo. É uma entrada muito interessante! E vem cortado em cubos, bem rústico, não precisa fazer nada muito fino. Depois cozinha a berinjela separado. Todos os ingredientes são separados porque têm pontos de cozimento diferentes [...] Só cozinha um pouquinho, porque depois vai terminar com o molho. E aí está bom para ser apreciado.

Martino, em todas as conversas que tivemos, sempre demonstrou grande afeto e vontade de falar sobre suas memórias e transmiti-las à família. No vídeo em questão, fica evidente que, aos 93 anos de idade, ele encontra prazer em cozinhar e contar como se faz a receita de

sua região de origem. Segundo ele, *“un antipasto molto interessante”!* A filha, Giliola, por sua vez, parece saber disso e compartilha desse sentimento, visto que ela pede para ele explicar detalhes sobre a preparação do prato.

3.6 A especialidade da mamma Giuletta

Giliola é o membro da família que realiza frequentes registros no âmbito da CH e os envia às pesquisadoras. No excerto a seguir, ela apresenta um prato da região de origem da mãe, o Trentino, durante um almoço com Sophie, Agnese e Martino:

G: *Allora, oggi polenta e crauti. Almeno una volta all'anno si fa questo piatto a casa. Qui, mantenendo la tradizione trentina, in realtà il papà che ha fatto la polenta, lui ha imparato con la mamma e la fa molto bene. M: È l'erede!*
G: *E i crauti sono il mangiare contadino che oggi è un piatto raffinato in Italia*

G: Bem, hoje polenta e crauti. Pelo menos uma vez por ano a gente faz esse prato aqui em casa. Aqui, mantendo a tradição trentina, na verdade foi o papai que fez a polenta, ele aprendeu com a mamãe e faz muito bem.
M: É o herdeiro!
G: E “crauti” faz parte da cozinha camponesa, que hoje é um prato refinado na Itália

No excerto apresentado nota-se a manutenção de uma tradição iniciada por Giuletta, posteriormente transmitida a Martino e valorizada pela filha. Ela afirma que, pelo menos uma vez ao ano, os Conci-Maggio se reúnem para consumir polenta e *crauti* e, assim, celebrar a memória de quem partiu. Ao se esforçar na transmissão da LH e da CH em família, Giuletta deixou, também, uma parte de si que se mantém viva.

3.7 O brinde no café da manhã

O último exemplo que trazemos dos Conci-Maggio em torno da CH se dá em uma interação pela manhã. Giliola, Agnese, Martino e Sophie estão juntos à mesa para tomar o café da manhã. Giliola novamente começa narrando a cena:

G: *A Sophie piace il primo caffè della mattina e fare il brindisi con il nonno e la mamma [...] Cin cin! [...] Tchin, tchin!*
M: *E cantava: Brindisi coi bicchieri colmi d'acqua al nostro amore semplice e sincero!*

G: A Sophie gosta de tomar o primeiro café da manhã e brindar com o vovô e a mamãe [...] Tchin, tchin!
M: E cantava: Brinde com os copos cheios de água, ao nosso amor simples e sincero

Apesar de alterar um pouco a letra, Martino faz referência a uma canção intitulada *“Signorinella”*, parte da trilha sonora do filme italiano de mesmo nome e lançado em 1949, cerca de 10 anos antes de Martino deixar a Itália. Nota-se, mais uma vez, a presença de um passado que ele quer manter vivo ao transmiti-lo à sua família.

4 MEMÓRIA E AFETO NO COTIDIANO: CONSTRUINDO PRÁTICAS EM LÍNGUA DE HERANÇA

Ao longo deste trabalho, buscamos retratar parte do cotidiano do núcleo Conci-Maggio, com especial atenção às potencialidades das interações no espaço da cozinha para a preservação da LH. A perda da língua pode ser fator de distância emocional entre presente e passado (MOZZILLO; PUPP SPINASSÉ, 2020, p. 1312).

Ao se reunirem no espaço da cozinha para preparar pratos, compartilhar saberes, tradições e paladares evocados pela memória, os Conci-Maggio empreendem ações que contribuem para preservar a LH, costumes e vínculos afetivos.

A memória é constituída da relação entre passado e presente, entre lembrança e esquecimento. O ato de valorizar o que se viveu é, também, valorizar o que se vive atualmente e, ainda, o que poderá ser vivido no futuro. Callia (2022, p. 80) entende a mesa e os espaços de alimentação como importantes *tópoi* da memória, pois “à mesa, as memórias são evocadas, transmitidas e preservadas não apenas pelas palavras e gestos, mas igualmente por meio dos fermentados, assados, cozidos, conservas, doces e bebidas.”

A pedagogia da memória considera que cada um de nós tem em si o “pensamento autobiográfico”, ou seja, um conjunto de recordações do que se fez e viveu, útil por possibilitar o *raccontarsi*, um movimento de cuidado, de ideias e práticas voltadas justamente para a valorização de si e do outro (DEMETRIO, 1996). As ações realizadas pela família Conci-Maggio para a transmissão e preservação dessa LH, fluida e em constante transformação, são representativas desse movimento. Como afirma Ortiz Alvarez (2016), para um migrante, a sua língua materna é viva e, ao transmiti-la a seus descendentes, ele estabelece uma relação com a sua história, identidade e cultura. Para seus descendentes, como observamos neste estudo, a língua e a CH constituem um elo no processo de constante (re)construção identitária, em que se articulam passado, presente e futuro.

Com relação à língua falada pela família Conci-Maggio, é natural que tenham ocorrido transformações desde que Martino e Giulietta se estabeleceram no Brasil, 65 anos atrás. Nesse sentido, evitamos analisar os dados da língua falada pela família a partir de um olhar avaliativo, o que seria equivocados. Mas, ao contrário, consideramos que sua legitimidade não deve ser estabelecida com base nas gramáticas e dicionários difundidos pelo Estado Italiano, pois possui características próprias que a diferenciam da língua nomeada pelo país de origem. A LH resulta de contatos linguísticos é um espaço de confluências, um patrimônio imaterial legítimo que influencia formas de compreender e criar significados para o mundo que nos circunda (ORTALE; SALVATTO, 2022).

REFERÊNCIAS

- LEOPOLDINO, E.A. *A fala dos tirolezes de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia*. 2009. 374 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: doi:[10.11606/D.8.2009.tde-03022010-113449](https://doi.org/10.11606/D.8.2009.tde-03022010-113449). Acesso em: 15 nov. 2023.
- LEOPOLDINO, E.A. *O dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais*. 2014. 524 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: doi:[10.11606/T.8.2014.tde-14052015-132609](https://doi.org/10.11606/T.8.2014.tde-14052015-132609). Acesso em: 15 nov. 2023.
- ARAVOSSITAS, T. Communities taking the lead: Mapping Heritage Language Education Assets. In: TRIFONAS, P.P.; ARAVOSSITAS, T. (Ed.). *Rethinking Heritage Language Education*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2014. cap. 7. p. 141-166.
- AZEVEDO, S.; ORTALE, F.L. Cozinha de Herança: memórias e identidades de um tesouro compartilhado. *Revista de Italianística*, São Paulo, v. XXXVIII, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/issue/view/11462>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- BENEDINI, D. R. M. *O português como herança na Itália: língua e identidades em diálogo*. 2015. 176 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- CALLIA, I. Notas sobre pão, memórias e epifanias. *Publicação Comemorativa – Areté 10 anos*, p. 78-85, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/84150012/Notas_sobre_p%C3%A3o_mem%C3%B3rias_e_epifanias. Acesso em: 29 jan. 2023.
- CALVI, M. V. Cibo e Identità nel paesaggio linguistico milanese. *LCM - La Collana / The Series*, p. 215-237, v. 9788879168182, 2017. Disponível em: https://www.ledonline.it/LCM/allegati/818-2-Bajini-Parole_13_Calvi.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

- CARREIRA, M. Seeking Explanatory adequacy: a dual approach to understanding the term "Heritage Learner". *Heritage Language Journal*, California, v. 2, n. 1, p.1-25, 2004.
- CORRIAS, V. *Abrindo caminhos para o italiano língua de herança no Brasil: a formação de professores na perspectiva pós-método*. 2019. 240 f. Tese (Doutorado em Língua, literatura e cultura italianas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- DEMETRIO, D. *Raccontarsi: l'autobiografia come cura di sé*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1996.
- FORNASIER, R. M. L. *A produção de material didático para o ensino de italiano como língua de herança na perspectiva Pós-Método*. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: doi:10.11606/D.8.2018.tde-29062018-131825. Acesso em: 06 nov. 2023.
- FORNASIER, R. M. L. *Culturas de herança em Pedrinhas Paulista: identidades, pertencimento e espaços intergeracionais*. 2023. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- GARCIA, C. A. *As línguas minoritárias vêneta e trentina em Jundiá: memória e pertencimento*. 2017. 262 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: doi:10.11606/T.8.2017.tde-26052017-113355. Acesso em: 06 nov. 2023.
- GAUDIO, M.R.; OLIVEIRA, U.L.B; SANTOS, L.S. Laboratório POLH: uma leitura do sentimento de pertencimento das mães brasileiras aos grupos Brasilidade – pais com filhos bilíngues e Pirulito - português como língua de herança, na Itália. In: ALVAREZ, M.L. et al. (Org.). *Bilinguismo e línguas de herança: construindo pontes e diálogos entre línguas – culturas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 267-283.
- GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2008.
- GROSJEAN, F. The complementarity principle and its impact on processing, acquisition, and dominance. In: SILVA-CORVALÁN, C.; TREFFERS-DALLER, J. (Ed.). *Language Dominance in Bilinguals: Issues of Measurement and Operationalization*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2016.
- HECK, M.; BELLUZZO, R. *Cozinha dos imigrantes – memórias & receitas*. São Paulo: DBA Melhoramentos, 1998.
- LEOPOLDINO, E. A. *O dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais*. 2014. 524 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: doi: 10.11606/T.8.2014.tde-14052015-132609. Acesso em: 06 nov. 2023.
- LICO, A.L.; PIRES, L.F. Caminhos para manter viva a conexão dos adolescentes com sua língua e cultura de herança. In: ORTIZ ALVAREZ, M.L. et al. (Org.). *Bilinguismo e línguas de herança: construindo pontes e diálogos entre línguas – culturas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 15-36.
- LYNCH, A. The first decade of the *Heritage Language Journal*: A retrospective view of research on heritage languages. *Heritage Language Journal*, California, v. 11, n. 3, p. 224-242, 2014.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MOZZILLO, I.; PUPP SPINASSÉ, K. Políticas linguísticas familiares em contexto de línguas minoritárias. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, out.-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/18521>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- ORTALE, F.L. *A formação de uma professora de italiano como Língua de Herança: o pós-método como caminho para uma prática docente de autoria*. 2016. 163 f. Tese (Livre docência em Língua, literatura e cultura italianas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- ORTALE, F.L.; CUNHA, K.M.R.; FORNASIER, R.M.L. Do ensino da língua de herança à formação de uma comunidade de prática: o caso do italiano em Pedrinhas Paulista. *Revista CBTLE*, São Paulo, v. 6, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/issue/view/101>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- ORTALE, F.L.; MAGGIO, G.; BACCIN, P.G. Identidade e bilinguismo em contexto de núcleo familiar de imigrantes italianos. *Revista de Italianística*, São Paulo, v. XXX, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/issue/view/8709>. Acesso em 29 jan. 2023.
- ORTALE, F.L.; SALVATTO, G. C. B. *Dai nonni ai nipoti: práticas familiares em língua de herança*. *Revista de Italianística*, n. 44, p. 162-176, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-8281.i44p162-176. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/196943>. Acesso em: 15 nov. 2023.

- ORTIZ ALVAREZ, M.L. O falante de herança: à procura de sua identidade. In: ORTIZ ALVAREZ, M.L.; GONÇALVES, L. (Org.). *O mundo do português e o português mundo afora: especificidades, implicações e ações*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 59-86.
- SOUZA, A. *Português como Língua de Herança em Londres: recortes em casa, na igreja e na escola*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- TANNENBAUM, M. Family language policy as a form of coping or defence mechanism. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 33. n. 1, p. 57-66, 2012.
- WEI, L. Introduction to "Language Policy and Practice in Multilingual, Transnational Families and Beyond." Special issue, *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 33, n. 1, p. 1-2, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01434632.2011.638507>. Acesso em: 29 jan. 2023.

Contribuição dos autores

As autoras contribuíram igualmente na idealização, escrita e leitura crítica do artigo.